

Gaiato

Visado pela
Comissão de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



ANO XVI—N.º 413—Preço 1\$00
9 DE JANEIRO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

20 anos!

Não é ainda a maioridade. Tampouco têm a redundância proporcionada a «bodas» preciosas... Na vida dos rapazes eu acho um sabor muito especial aos vinte anos e gosto de os marcar por uma lembrança que permaneça.

Talvez por este hábito eu sinto tanto os vinte anos da Obra da Rua! Sinto-os uma idade de viragem, de viragem aos seus princípios, quando, de pequenina, ainda se lobbriavam os contornos da Pedra Angular que a fundamenta.

Hoje o pequenino grão tornou-se árvore copada. Mas a minha meditação dos vinte anos consiste justamente em não perder de vista, diante da grande árvore, o pequenino grão que lhe deu origem. De resto, a seiva também se não vê, nem nela se pensa, primariamente, quando se olha a árvore. E no entanto a seiva é a vida da árvore.

Não foi das menores inspirações de Pai Américo fundar a sua Obra sobre o S.S.mo Nome de Jesus. E' que «não há salvação em nenhum outro». Nem «sob o Céu, nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual eles devam ser salvos».

Desde a primeira hora, Jesus ficou comprometido nesta Obra. Por isso ela tem sido de salvação para tantos...: para todos os que se quiseram salvar. Também o Nome de Jesus, sendo um potencial infinito de salvação, não salva senão os que a Ele aderem, tomando sobre si a responsabilidade de todos os males e atribuindo-lhe a causa de todo o bem. «Seja, pois, notório a todos os homens que é em Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo Nazareno que nós crucificamos e a quem Deus ressuscitou dos mortos» que se têm feito todas as maravilhas feitas.

Ele é o grande Escondido nesta Obra que Deus quis desfraldar, como a uma bandeira, diante dos homens. E à semelhança d'Ele há outras vidas escondidas, cuja oração e sofrimento explicam tantos êxitos, tantas glórias. Ai de nós se não lhe remetêssemos, e a essas outras vidas, esses êxitos, essas glórias.

Deus não quis que a Obra da Rua tivesse uma longa preparação de vida oculta. Aos olhos do mundo tanto melhor. Com vinte anos de vida e inteligência mergulhada no Evangelho, bem sabemos os riscos de um tal privilégio. Se Deus o quis, nós não o podemos rejeitar. Mas devemos recapitular muita vez no silêncio das nossas almas a fisiologia das obras divinas — e aí renovarmos o acto de fé na fecundidade que período apostólico de uma vida consagrada deve ao tempo oculto da mesma vida. Por isso Pai Américo nos quis padres sem nome, «nem família, nem amigos, nem campos, nem interesses, nem nada». Pobres de uma pobreza que já não diz respeito ao ter ou não ter; mas que vai mais fundo e nos pede que sejamos nada que não seja transparecer Jesus de Nazaré que «passa fazendo o bem».

Vinte anos... Nem maioridade nem bodas que peçam festa preciosa... Será no silêncio que os festejaremos. Há um ano tivemos a benção da presença do nosso Bispo. Hoje tudo pede silêncio. Bendito seja o Nome de Jesus.



CALVÁRIO

O fruto sazonado vai tombando. A sombra das carvalhas Edmaro e Ti Lobato debruçam-se a apanhar bolotas. Firmando-se bem na bengala segreda-me este:—Olhe que o Edmaro anda zangado comigo. Nem fala.

—Então porquê? — perguntou.

— Diz que eu lhe apanho as bolotas todas e ele fica sem nenhuma.

É o zelo da obrigação. Quem dera que as zangas no mundo fossem todas desta natureza!

Deitamos o linho à terra. A seu tempo este rebentou viço.

so. Foi cegado. Sofreu as operações dolorosas da praxe. Agora nas mãos da Ti Deolinda dá que fazer e cuspir e fiar. E nós esperamos a hora de o ver tecido útil e jeitoso.

O aviário já funciona. Trata-se de pequeno Zoo, com galinhas, pombos, coelhos e suíno. Construído à beira do Calvário, tem dupla função: dar-nos carne, e ocupar as horas longas dos doentes, fazendo-lhes esquecer as amarguras. O suíno está ao cuidado da Ti Justina. Pombos e coelhos pertencem ao Ti Lobato. As galinhas à Ti Maria Ferreira. Esta ideia já concretizada tem sido tão eficaz que nunca mais ouvi gemer esta última doente Úlcera crónica corroi-lhe a perna. Mas os pintos tão ladinos, a fugir em meio do pinhal, não lhe deixam horas livres para chorar as dores. Esqueceu-as.

Com tais remédios vamos medicando os nossos doentes. E, com efeito, em alguns!

continua na página dois



Setúbal

A

BERTA no último ano de vida de Pai Américo esta Casa do Gaiato caminha com cento e um rapazes para o seu quinto aniversário. Cento e um rapazes abandonados, que se amanhã não forem modelos de homens, não serão em grande parte os malfeitores ou pesos mortos da sociedade. Pelos progressos de quase cada um deles eu dou por bem empregada a minha vida e a vida de toda a Casa do Gaiato.

Por alguns tenho já rezado: bendito sejas Senhor que só por fulano ou cicrano valeu bem a pena passar por Setúbal o baço de Pai Américo. Sim, tenho a consciência de que os rapazes têm aproveitado em grande escala os nossos esforços e os esforços dos nossos amigos.

Setúbal é uma casa que vive apertadíssima com aflições de casos sem conta. Pomos meta e não somos capazes de a aguentar. Fazemos propósitos e voltamos a quebrá-los. Daí cento e um rapazes e a casa a começar. Tenho dos dois anos aos vinte e um. O mais novo o Nautílio dormia em Setúbal debaixo de um guarda-chuva. Não é de Setúbal, mas estava cá. Abandonado pela Mãe, acabou por ser desprezado pelo pai. Quando o aceitei parecia-me mais um monte de estrume que



Arrancados ao flagelo do abandono!

uma criança cheiinha de encantos. Os olhos e os ouvidos fontes de luz, e corpinho comido por parasitas dava-nos a impressão de nunca ter sido lavado.

No primeiro dia, três banhos não bastaram; limpeza continuada aos olhos e ouvidos consulta médica que temos de graça; três meses de carinhos maternos — e eis o menino que prende a toda a gente.

Zé da Lenha é o mais velho, tem sido mesmo o maioral e o nosso motorista. Veio de Miranda para fazer tradição, mereceu-nos confiança e tem sido um dos meus braços. Zé da Lenha, não: o senhor António da Conceição (pois a tropa está a bater-lhe à porta e com ela desaparecem os apelidos) é rapaz não muito rico de dotes, mas bom, sério e trabalhador.

Estes, são, por enquanto, o alfa e o omega da família.

Os meus rapazes em crescimento avolumam responsabilidades e exigências que parecem quase insaciáveis. Condições de desenvolvimento para uma centena de rapazes são graves preocupações que Deus põe aos meus ombros e de que tenho de dar contas sob pena de falhar. Uma casa sem oficinas é como uma escola sem professor.

Na nossa acção exterior em Setúbal muito Deus tem feito, através da Casa do Gaiato. A doutrina do Evangelho vivida na Obra da Rua tem penetrado nas camadas altas e médias da cidade e de algumas partes do distrito. E, aqui e além, atingido um ou outro rico.

Creio mesmo que a acção da Obra tem sido ainda mais frutuosa fora do que dentro de portas; e mais no campo espiritual do que no material.

Eis um exame de consciência feito ao de leve.

Como cartas e prenda que desejamos oferecer aos nossos amigos aí vão as caras dos dois inopentes que arrancámos ao terrível abandono.

Padre Acílio



O Barredo faz parte da nossa vida. Está inteiramente ligado à vida de Pai Américo. Quando um dia se fizer a sua história, por certo que o Barredo ocupará uma das páginas mais emocionantes. O que o Pai Américo vibrou com o Barredo! O que o Barredo vibrou com Pai Américo! A sua presença sente-se e apalpa-se em cada rua, em cada casa, em cada canto. O lagedo das velas antigas, as escadas de madeira, a cair de podres, por onde se sobe às apalpadelas, por causa da escuridão, falamos da sua passagem. Rua da Reboleira, escadas do Barredo, Rua de Baixo, Rua de São Francisco de Borja, etc. etc. viram-no passar. Uma multidão de gente esperava-o com sofreguidão. Havia sorrisos nos rostos dos pequeninos, caíam lágrimas de alegria das faces das mães. O pai desempregado naquele dia não largava o lar porque havia pão para calar os filhos. E Pai Américo sentia-se feliz.

Tudo isto sentimos hoje. Recordo ainda a primeira vez que desci ao Barredo. Tive medo. Habitado às grandes avenidas, largas ruas, e a olhar para os prédios de cores alegres da cidade nova senti o contraste. Ia ver tabernas? Sim. Casas de pecado? Também. Ouvir uma linguagem que não estava habituado? Com certeza. Só isto? Comecei a sentir, desde então, toda a verdade daquela expressão de Pai Américo: «Barredo lugar de heróis e de mártires».

Senão vêde: Ali na Rua de Baixo, já não me recordo o número, vive um casal com cinco filhos e vésperas de mais um. O Pai é carrejão. Quando há, trabalha; quando não há, não ganha. A Mãe faz recados com que vai angariando uns magros escudos. Vivem da incerteza do dia de amanhã. São novos ainda. Não sabem quantos serão os filhos, pois estão dispostos a cumprir a vontade de Deus e a respeitar as Leis Santas do Matrimónio. Apesar da neessidade que tem, de aproveitar todas as oportunidades que se lhe oferecem, para ganhar uns tostões, aquela Mãe de família não descursa o asseio da sua casa, e o cuidado dos filhos. Não tem criada para fazer o serviço. Aqui nesta casa há heroísmo. Estas paredes escondem autênticos heróis que o nosso mundo precisa de conhecer. Ali há verdade. E é esta verdade que precisa de ser prégada por toda a parte.

Poderão, talvez, dizer que, se não houvesse tantos filhos este lar seria mais feliz e evitar-se-ia o risco de cair na miséria. É uma visão materialista da vida. Haveria menos miséria, sim, se houvesse menos egoísmo e mais sentido da fraternidade cristã. Quanta mentira escondida por detrás das fachadas encantadoras! Quanta contradição na vida dos que são prezados pelo grande mundo! Estas histórias precisam de ser conhecidas para ser imitadas. Não há dúvida, o Barredo é lugar de heróis.

★

Há os que vivem os seus

fraqueza, se vê abandonada com a criança nos braços. E porque ninguém lhe deitou a mão, ninguém a protegeu, nem sequer a Lei, não tarda a cair outra vez. É o caminho da miséria, o caminho da prostituição. Uma palavra amiga arranca esta resposta: é a fome. É verdade. Talvez, a primeira queda não tenha sido por causa da fome. Mas porque se sentiu abandonada de tudo e de todos, até pela Lei, não encontra outro caminho, senão este, para arranjar um naco de pão para as vítimas inocentes. Se se quer regenerar, além da dificuldade que lhe advém da natureza da queda, a angústia do pão. Aqui está um problema sério em que há a cumplicidade de todos aqueles que de algum modo poderiam ajudar a resolvê-lo.

★

Estivemos no Barredo nas vésperas do Natal. Escolhemos propositadamente este dia, pois não nos podíamos conformar com o pensamento de que naquela Noite pudesse faltar um pouquinho de conforto que não há nas outras noites. Bendigo todos os que concorreram para que o Natal dos nossos Pobres do Barredo não fosse tão doloroso. Vieram embrulhos com roupas de bebé. Quanto carinho posto nessas peças de roupa! Ainda não chegam. Há muitos à espera. E sabem muito bem, que indo o primeiro enxoval só nos deixam quando todos tiverem. Tomamos todas as providências para que não vão parar às casas de penhores. Sempre que vamos, perguntamos por eles. Ajudem-nos nesta campanha. Não precisamos de coisas novas. Seria perigoso. Enxovais quentes e simples são o ideal.

Padre Manuel António

vergar os braços. Para se assoar serve-se do lenço mas na extremidade da mesma bengala. Para comer utiliza a colher de arroz, porque mais comprida.

O Calvário é mostruário do que não tem concerto e se arruma. Mas simultaneamente é grito forte ao amor do lixo das ruas. Se não queres enamorar-te dele, foge de aqui vir.

Veio uma doente da Beira Litoral. Mal pode falar. Muito menos mexer-se. Conversa em gemidos que traduzem a dor. Vive no leito vai em dez anos. Últimamente, porque orfã e sem família carinhosa, andava por casa de vicentinas que ca-

CAL
VÁRIO
RIO

O Ti Marques acaba de descer os degraus da capela. Com a ponta da bengala levanta do solo o chapéu que ali deixara. Com raro jeito depõe-no na cabeça. Visitantes a meu lado sorriem-se. Cuidam que se trata de divertimento. Mas não. É a necessidade. Ele não pode

Gaiato

FACETAS DE UMA VIDA

Situar com precisão o momento da «martelada» que levou o Américo ao convento seria tarefa interessante, mas muito difícil. Entretanto, há datas limites entre as quais o toque deverá ter-se dado. Tendo como base esta preciosa coleção de cartas referidas no número anterior, vamos fixar alguns marcos cronológicos.

A carta ultimamente publicada vinha datada de Lourenço Marques, 20/11/22. Em 8 de Dezembro seguinte um telegrama anuncia ao Amigo do Funchal: «Sigo Pedro Gomes».

E logo uma carta de 11 do mesmo mês confirma a viagem no referido paquete e promete «estar ahí» (Funchal) na primeira semana do mês de Fevereiro. E acrescenta: o paquete deve largar daqui no dia 6/9 de Janeiro, mas não faz escala pelo Cabo. Resolvi tomar esta via por ser menos massadora, ainda que não muito rápida, mas eu necessito um pouco de descanso pelo muito que tenho trabalhado no C. P. Ultramar, e os trinta dias de mar não de fazer bem». Em 8/1/1923 é expedido ao Funchal um telegrama aconselhando o Américo a ficar por impossibilidade em garantir situação idêntica, pois, de começo, mais não será possível que vencimento para viver com conforto e possivelmente, pequenos economias.

Não sei se este telegrama o terá encontrado ainda em Lourenço Marques. Sei que a viagem no «Pedro Gomes» se realizou; que passou no Funchal, sem grande demora (talvez apenas a do barco), pois em sua carta de Paço de Sousa, 23/3/23, a primeira depois das já referidas, Pai Américo começa: Antes de mais nada tenho que agradecer à D. J. a forma como me recebeu e me tratou em sua casa».

Em Março de 1923 temo-lo, pois, em Portugal, sem compromissos que o obrigassem a regressar a África, o prendessem ao Funchal. Mas parece, pelo teor destas cartas, que a ida para a Madeira ou de negócios naquela Ilha, não deixará de o interessar.

De qualquer modo o Américo acha-se embrenhado na vida de negócios. Teria havia já toques de graça que iam levando a sua alma. Mas a «martelada», o sinal decisivo, iniludível, esse ainda não viera, mas não vinha longe.

A demonstrar este seu empenho em negócios; mais, até! a vivacidade da sua imaginação em descobri-los — damos hoje à estampa um elucidativo trecho da já referida carta de 22 de Março de 1923.

★

Um plano que me veio à mente, em uma viagem a Lisboa e que ainda que todos os outros falhem este é um mito: vender fruta do Cabo no Funchal. A época da fruta no Cabo coincide com «Season». Aí, sabendo como há, um grande vapor do Cabo todas as semanas, nós temos todas as razões para sermos bem sucedidos. Com tempo de estudar o caso, mas necessitamos preparação com antecedência. Veja se há aí um anuário da África do Sul e mande-me na volta os nomes, não dos «bookers» mas os de exportadores de frutas. Eu cá me entendo com eles. Se não puder conseguir aí o anuário terei então que me dirigir ao Standar Bank a pedir nomes. A melhor forma de fazermos aí as vendas seria:

a) Arranjar um agente idóneo que, mediante uma comissão, percorresse a venda nos

mercados, nos hotéis e a bordo. Os vendedores deveriam ir aos hotéis vender caixas de frutas, porque v/ bem sabe que nos hotéis, ainda que lá tenham muita quantia nos compram a fruta que há-de sempre ser mais cara do que a fruta dali... Mas é certo que os hóspedes a compram.

b) Arranjar uma firma idónea a quem vender a fruta com o lucro que nós julgarmos razoável, e deixá-la fazer o resto. Isto parece-me ter o inconveniente de a suposta firma na ânsia de querer ganhar muito dinheiro, pôr os preços tão altos que a venda seja difícil, e isso prejudicamos. Do lucro que havemos de ter, por caixa, falo mais tarde. Não preciso recomendar-lhe o maior sigilo e é lícito supor que só no primeiro ano estaremos sós. Não faltará quem siga as nossas pisadas na época seguinte. Fica-nos a

ridosamente a cuidavam. Agora no Calvário, tem morada certa.

— A senhora Amélia quer ainda curar-se?

— Não, senhor Padre, prefiro sofrer para melhor merecer o céu.

A espontaneidade e convicção deste suspiro revela a grandeza de quem sofre. Lição de desapego do mundo: Quero sofrer. Compreensão do valor altíssimo do sofrimento aceite: Para melhor merecer o céu. Páginas de ouro são os leitões dos doentes! E quem as fo-

lhea? Vem e acerca-te deles.

Noite alta. Na casa-mãe andam uivos estridentes. Contudo o ambiente conserva-se calmo. O alarme é costumado. É a Gracinda, que, por não ter fala, uiva ruidosamente. Uivos agudos. Uivos impressionantes, se pensarmos que emitidos por ser humano. O que nós somos sem a razão! E quem a agradece ao Senhor? No lugar desta rapariga de vinte e oito anos, anormal, sem fala e sem movimentos poderíamos estar nós. O Senhor não quis. Obrigado. Isto é Calvário.

Padre Baptista

Aqui, LISBOA

A Casa do Tojal faz doze anos. Por cá passaram algumas centenas de rapazes. Certamente nem todos serão homens de vida apurada. Mas quantos não beneficiaram e conseguiram levar uma vida aliviada da miséria e afastada da desgraça.

Ontem tivemos a nossa festa do Natal. A ceia foi a refeição mais ruidosa e animada. Entre os antigos, o Pedro, que foi dos fundadores estava presente. Ele, agora, não tem família. Pois o Pedro falou: «Faz hoje doze anos, que às dez da noite saímos de Coimbra 5, para vir fundar esta casa. De então até hoje ela como a Obra tem caminhado a passos largos. É um orgulho para nós sermos gaiatos. Tende hrio rapazes de ser respeitados. Para tal é preciso respeitar». Para mim estas palavras, porque sei como os rapazes as ouvem e vi como eles as escutaram, significam bem o valor da pedagogia de Pai Américo. Este rapaz, que pediu a palavra para falar, este e outros que o têm aqui feito, quando falam aos seus colegas são uma luz de grande brilho. Eles os maiores doutrinares dos seus irmãos mais novos. Este um grande pormenor

consolação de, sendo imitados, abrir os olhos aos «independentes».

Leia, pondero, e escreva na volta o que mais convém e a condição.

O nosso capital é muito pequeno, já vi isso, por isso tenho que resumir muito mais do que supunha as minhas operações aqui. Depois, precisava de ir a Londres o que me leva uma parte do nosso capital, mas é necessário ir. Desejava que o Zeferino fosse fazer uma viagem a Trás-os-Montes ver as probabilidades da amêndoa, mas fica muito cara essa viagem e não pode ser. Desejo em primeiro ver qual a média dos preços em Londres, porque o Zeferino disse-me que pode comprar grandes quantidades. Eu também vou a Liverpool.

Em Londres e Liverpool hei-de procurar colocar a colheita das laranjas do Sindicato de Viana Rodrigues e Neves, de Lourenço Marques; é coisa grande e eles têm dificuldades em colocar a fruta por causa da África do Sul. Também hei-de procurar colocar madeiras do Santos Gil pedindo amostras, estas últimas em Londres, S. Joal e também no Porto. Tenho fé, se os preços forem em conta. Tudo isto é à comissão, como você há-de ver pela cópia das cartas mas no entanto eu não escrevo a nenhum deles sem ouvir a sua opinião. No entanto vou mandando imprimir papel e compor a máquina. Diga também na volta a sua opinião sobre estes dois pontos.

Por hoje não vou mais longe. Lembre-me o caso da D. Judith e beijos aos pequenos.

Fico à espera das suas novas. Não perca a primeira mala. Muito amigo,

Américo

do panorama da nossa casa.

Será contudo a Casa de Lisboa a que desde o início tem sido mais martirizada por muitas vicissitudes. Pai Américo, ao ver o local pela primeira vez, teve esta expressão: «Só nos dão ruínas». As casas e os rapazes! Pois hoje embora com muitas deficiências, porque não pode de maneira nenhuma ser diferente, as coisas vão melhorando. As oficinas estão apetrechadas para já. Por enquanto em várias temos o mestre de fora. A Tipografia e a Alfaiataria são dirigidas por rapazes nossos. Para eles temos casas de habitação juntinho da nossa. Não há diferenças. São gaiatos. O nosso sonho é ter o mesmo no campo. O rendimento não condiz com a despesa feita com braços alheios. Não temos lá nenhum rapaz, nem admira; porque até aqui a vida da lavoura pouco tem prometido. Temos de construir pela base. Havemos de ter lavoura feita com os nossos braços e a gosto dos nossos rapazes. Com o gosto deles eu espero que desperte quando a pudermos mecanizar educativamente. Estes rapazes se não são atraídos pelo melhor não se vencem nem se convencem que se pode fazer deles homens sem lhes moldar a vontade. É a chave, é o segredo da regeneração de cada um. E não pense ninguém que

os rapazes da rua se contentam, ou que para eles basta dar profissão a mais humilde, desde que lhes dê pão para a boca. Não é assim. Neles, aspirações grandes ou baixas como em todo mortal.

Temos cinco rapazes a estudar, mais alguns que frequentam cursos nocturnos. Todos os anos iremos tendo mais. Não cortamos azas a ninguém. O que acontece muitas das vezes é não quererem voar. Mas vê-se por aí fora coisa pior em gente de nível mais alto. Há o desencaminhado há o vadio, já não digo o ladrão, há o vicioso. São os jornais que o dizem. Na sociedade requintada há requintes de miséria. «É um orgulho para nós sermos gaiatos», dizia o Pedro na noite de Natal. E sentirem-se eles capazes de ganhar o pão sem regressarem à miséria, firmes no carácter sem negarem a sua consciência, limpos socialmente sem terem escurecido o olhar na sombra das cadeias por onde andam colegas seus—isso é um prémio é a glória duma Obra cuja força e eficácia se baseia no Amor com que Deus nos manda tratar os irmãos mais pequeninos.

Uma notícia agora. O pobre que não queria ir para o Calvário sem pagar as dívidas está canceroso da boca. Neste momento talvez voltado para Deus. Face a face, a gozar o Céu que a infelicidade e a injustiça lhe mereceram. Na véspera do Natal estava quase moribundo.

Padre José Maria

Auto-construção

O primeiro passo em Auto-construção é a constituição duma equipe. Deve tratar-se de gente nova. Sendo um trabalho de formação, destina-se particularmente a novos, ou solteiros, o que seria melhor, ou então recentemente casados. Como a experiência diz, não deverá haver entre os elementos duma equipe muita diferença de idade. Realmente, por mais esforços que se façam em contrário, a idade separa os homens. A Auto-construção precisa dum clima de amizade. O tempo que a obra dura é prolongado. Durante esse tempo surgirão sempre dificuldades para a solução das quais, se requer alto espírito de camaradagem. Também se todos forem muito novos, não haverá uma autoridade entre eles; e é preciso que essa autoridade exista para a obra ser deles por eles e para eles. Fazer uma casa é uma obra séria que só pode ser feita à base de seriedade. Fazer casas — oito, dez, doze, — à base da Auto-construção é obra seriíssima que exige um mínimo de organização. Sendo possível, que muitos membros da equipe sejam solteiros. Certamente há o inconveniente da vida. Mas a circunstância dum rapaz, que pensa realizar o casamento, construir primeiro, pelo seu esforço, pelo seu sacrifício, pela sua cooperação com outros da sua igualha, a sua vida, é de real importância. Um bom número dos nossos jovens vai para o casamento sem medir as responsabilidades que contraí. Isto não é confiança. É sim irresponsabilidade. Os rapazes que fizeram já, ou estão a fazer presentemente as suas próprias casas, em regime de Auto-construção, antes de irem para o casamento, estão a dar um exemplo bem digno de imitação. Esse exemplo não se há-de perder. Fala-se hoje em toda a parte — sempre se terá falado aliás — na crise da juventude. Falemos antes em crise de adultos, em crise de chefes. Se dermos à nossa juventude grandes ideais, se a convidamos para obras que tenham o selo da Verdade, da Grandeza, da Generosidade, é impossível que ela não responda presente como tem respondido em todas as idades. Saibamos nós concretizar os grandes ideais e a nossa juventude corresponderá.

(Toda a correspondência deve ser dirigida para Auto-construção — Aguiar da Beira).

PADRE FONSECA



TRIBUNA COIMBRA

Vinte anos de vida. No decorrer do tempo parece que foi ontem.

Foi rentinho à noite do dia 7 de Janeiro de 1940. Tarde de chuva cerrada e fria. Padre Américo (o tão querido Pai Américo) alugou em Coimbra um carro de praça, sentou a seu lado 3 pequenos doentes das ruas da cidade, já seus conhecidos das Colónias de Férias e que não tinham família em condições e partiram em direcção a Miranda do Corvo, a uns 30 km. de distância. Eram horas de ceia quando chegaram. A casa, familiar e acolhedora, com seu quintal, videiras e árvores de fruta, tinha-a comprado uns dias antes, com dinheiro emprestado. Pai Américo tinha mandado preparar uma ceia de festa para os seus primeiros filhos. Era canja de galinha. Sentados à mesa, um comeu muito, outro comeu pouco e o outro não quis comer. O Pai da grande família que nascia começou a conhecer melhor a vida das crianças da rua. Foi este o primeiro dia da Casa do Gaiato. Foi assim o princípio da Obra da Rua. Foi o começo deste alvorecer eterno.

Os primeiros tempos foram de ensaio. Pai Américo não tinha programa. Nunca o teve. Alguns pequenitos enfezados e doentes, no fim de Colónias de Férias, abeiravam-se dele e com lágrimas nos olhos suplicavam-lhe: Senhor Padre Américo deixe-me ficar, que eu não tenho casa. Estas vozes foram abrindo brecha e fazendo ferida no coração muito grande de Pai Américo e no seu espírito foi-se enraizando a necessidade de uma casa de repouso para aquelas crianças. Esta primeira casa começou por ser de repouso.

x x x

Quando no mês de Maio do mesmo ano eu passei pela primeira vez pela Casa do Gaiato ainda eram só sete os seus ocupantes. Dois deles, Avelino e Manuel Coco, estão ainda hoje ao serviço da Obra. Nessa altura ainda pouco ou nada faziam. O serviço que havia, quer em casa, quer no quintal, era feito por gente de fora. Era o ensaio dos primeiros passos.

A Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes, nasceu da necessidade de os ocupar. Esta necessidade foi abrindo horizontes e criando ramos de actividade. Primeiro a limpeza e arranjo das casas; o trabalho da cozinha e seus anexos; o cuidado da roupa e rouparia; o tratar das capoeiras e criação; o asseio das ruas e do jardim; todos os cuidados de uma vida de família. Com o aumento sempre crescente da família veio a necessidade de ampliar a casa e o quintal e Pai Américo vê-se obrigado a comprar aos vizinhos. Mas tudo tem de ser muito lento. Tudo feito sem dinheiro. A fonte de recursos foi sempre o Altar.

x x x

Grande a nau, grande a tormenta. Começam as obras. Primeiro o aumento da casa: novas camaratas e salas; depois a capela; mais tarde a moagem e campo de jogos; a seguir instalações agrícolas e para o gado e capoeiras; tempo depois eira com a sua casa.

Passado tempo um edifício grande para cozinha, copa, sala de jantar, dispensas, sala de costura, habitação para as senhoras e «batatas» e celeiros, adega e balneários; logo depois a escola com palco e suas dependências; e só por último um edifício espaçoso para oficinas e casa de máquinas, onde temos instaladas alfaiataria, barbearia, sapataria, serralharia, carpintaria com máquinas indispensáveis.

Juntamente com estas construções foram-se adquirindo terrenos de cultura que têm actualmente uma área de doze hectares. Deles tiramos por nossas mãos a maior parte da nossa alimentação e damos trabalho e ocupamos útilmente os que não estão nas oficinas ou em outras obrigações. Este o nosso campo material.

x x x

O que se tem feito no campo moral e espiritual não sabemos dar conta. Passa despercebido aos nossos sentidos e só Deus o sabe. Mas pelos resultados aparentes podemos afirmar que a Casa do Gaiato tem sido uma benção de Deus. Benção para todos os que ali se têm abrigado e também para os que têm colaborado com o seu auxílio, quer material, quer espiritual.

Belém

A Festa da Sagrada Família é a grande festa da Família de Belém, que desde o início Lhe foi consagrada. E com tais protectores, que inimigos poderá recear? Pelas mãos de Jesus, de Maria e José tem corrido para Belém um constante caudal de graças. Que todos os nossos amigos se unam espiritualmente a nós para agradecer tantos favores recebidos. Pela nossa parte prometemos que em 10 de Janeiro não nos esqueceremos de recomendar à Sagrada Família as necessidades espirituais e temporais de todos os nossos benfeitores. Em lugar muito especial colocamos a Obra da Rua, cujo gesto de dar a mão a esta sua irmã mais novinha, ainda ensaiando os primeiros passos, lhe ganhou o direito a tomar larga parte na nossa alegria e nas nossas orações.

Segue a nota das presenças à Obra, até ao dia de Natal. A anterior não foi publicada na íngra por falta de espaço. Que nos desculpem os interessados.

Com outros 3 mil escudos o Governo Civil de Viseu vem marcar a sua segunda presença. Deus ajude o Senhor Governador! Não fossem as suas dádivas e de Belém se poderia dizer que estava a ser exclusivamente sustentada pelos particulares.

De um salto passamos ao Congo Belga e acusemos a recepção de um cheque de 200 escudos, bem como de grande quantidade de roupas de crianças de Leopoldville.

E é a vez da África Portuguesa. Duas notas de 100 de Moçambique, enviadas por cinco amigos. 50 mais 50 por intermédio do Quartel General de Angola. Roupas feitas, retalhos e rebuçados do Luso. Mais retalhos de M. Rodrigues, Angola. Do Dundo, Lunda, nota de 100. Outro tanto da Beira. Ainda Beira mais 100 da Zêzinha e seus pais. Mais quatro Marias e um José da Beira com a mesma quantia. E por agora a Beira termina com 500\$00 do casal Gertrudes e Manuel. Parabéns à nossa Beira!

Segue no uso da palavra a capital do Império. Em primeiro lugar a Senhora da Avenida de Roma com a sua contribuição mensal de 50 escudos, os vales tantas vezes repetidos de Gina Maria, a nota mensal de 20, sem-

Até este momento deram entrada nesta casa trezentos e dois rapazes, todos com o rótulo de abandonados ou vadios ou viciosos ou famintos. Hoje muitos deles têm já família constituída e dão testemunho de amor; outros estão bem colocados no nosso Ultramar e vão dando notícias; temo-los em todos os ramos da vida e vão dando boa conta; e um ou outro se tem extraviado.

Somos actualmente sessenta e dois em Miranda do Corvo dos 2 aos 23 e ligado temos o Lar de Coimbra, aos Loios, com 20 rapazes dos 12 aos 23, sendo o maior número de estudantes, três dos quais na Escola do Magistério Primário e no 3.º ciclo dos Liceus.

São vinte anos de vida cheia. Vida que agora está na sua primavera. Dão testemunho desta mesma vida cheia de beleza uma grande multidão de amigos em toda a parte. Somos a menina dos seus olhos.

Como tem sido tudo isto possível? — Graças ao Santíssimo Nome de Jesus e aos homens de boa vontade.

Padre Horácio

usadas e mais outra. Agora o Porto. Celeste envia 50 escudos e uma fotografia que aqui tirou com as belenitas. Muito obrigada! «Ao completar 40 anos do nosso casamento enviamos 40 escudos para as belenitas». 20 de «Humilde Portuense». 100 de C. B. P.. 20 de J. P. F.. «Os amigos do Gaiato» entregaram ao Sr. Padre Carlos, para as belenitas, nada menos de 20 bonecas. Que alegria! Duma portuense qualquer que aparece muitas vezes, mais 20. Nota de 50 de M. M.. Encomendas com roupas, de Maria de Faria. Minha Senhora! Roupa de criança pronta a vestir é sempre bem-vinda porque, além do valor, representa economia de tempo, que é do que mais falta em Belém. Para a Deolinda, roupas de uma Deolinda. Por intermédio de Paço de Sousa, várias encomendas com roupas de criança. Das duas amigas do Porto, 60 escudos, 400 do ass. 24917. O Senhor Firmino entregou 20 como segunda prestação ao presépio de Belém. Várias roupas, brinquedos e dinheiro de Maria da Glória. De «duas irmãs unidas», 20. De uma, reconhecida por todo o bem que «O Gaiato» tem ensinado, 100. De Maria da Luz, 50. Das duas amigas do Porto, 100 e bolachas. Duas encomendas com novels de lá de M. M. F. De uma Cândida 100. Ainda 100, mais 50, mais 25, e 20 por intermédio de Paço de Sousa, que suponho serem de gente do Porto.

Inês — Belém — Viseu

Filhos de pai incógnito

Os anos vão passando e as feridas continuam a sangrar. Quantos inocentes há que nascem e morrem sem saborearem um gesto de Amor paternal! Quantas vítimas são repudiadas da sociedade, pelas mãos criminosas dum homem que se esconde ao dever de adoptar o filho, fruto dos seus desejos pecaminosos!

Acabo de receber uma carta, de um velhinho, que desejaria abraçar. Ela é escrita com mãos trémulas, e adivinham-se nela as lágrimas de quem a escreveu. Eu, também não resisti, e chorei e beijei estas letras:

«...Vejamos o que rezava o meu documento passado em 22 de Dezembro de 1899, da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa: No Hospital de S. José, nasceu um menino a quem foi posto o nome de António; filho de Elisa Martins, natural do Beato, e de... Pai incógnito!... Terrível palavra é escrita num documento duma criança, para toda a vida. Estou escrevendo com os olhos rasos de lágrimas. Amigo que és uma vítima como eu. Faze com que esta terrível palavra desapareça desta Nação civilizada.

Diziam-me que, com poucos

dias de vida ainda, fui levado da Santa Casa da Misericórdia para o distrito de Leiria. Foi onde me conheci. Dezoito anos passados, a pneumónica levou todos os que me criaram, a casa fechou, e eu fui levado para o Hospital de Coimbra, onde sofri três operações, ficando inválido. Trinta e tal meses passaram e saí, mas com a chaga do peito ainda vertendo. Volto à casa, mas já era de outro. E eu chego-me então ao meu padrinho do Crisma, que me valeu. Mas eu era (sou) um doente e aleijado, e sempre um estranho.

Para recordarmos e meditar-mos nas nossas culpas, não precisamos de recuar dois mil anos! Os passos da Paixão, são recentes. Deus continua a sofrer e a ser ultrajado na pessoa destes «estranhos», daqueles que procuram a mãe e não a encontram, destes a quem roubamos o direito de possuir um pai responsável pela sua educação, e manutenção, enquanto de menor idade. Não nos podemos ter na conta de civilizados, enquanto houver filhos sem pai.

Que o Espírito Santo nos guie.

Ernesto Pinto